

CINE-SURDO: DESCONSTRUINDO MITOS E CONSTRUINDO SABERES SOBRE A CULTURA SURDA

Ana Cleide Batista Ferreira¹; Ana Carmita Bezerra de Souza²

¹Supervisora PIBID na EEM Gov. Adauto Bezerra, acleidebf@gmail.com.

²Coordenadora PIBID na Universidade Federal do Cariri – UFCA, ana-carmita.souza@ufca.edu.br.

Introdução

A inclusão escolar é fundamentada no princípio de que todos os alunos, independente de suas habilidades ou deficiências, devem ter acesso à educação em ambiente inclusivo que respeite e valorize a diversidade. A Constituição Federal de 1988 assegura o direito à educação para todos, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96) estabelece as diretrizes para a inclusão escolar como também, para a Educação Bilíngue de Surdos como modalidade de ensino.

Nesse viés, reconhecer a Libras vai além de utilizá-la como ferramenta de apoio, é enxergá-la como uma língua completa, com sua própria história e expressão cultural. Esse reconhecimento torna-se mais concreto quando a pessoa surda faz parte de determinada comunidade surda, interagindo em ambiente onde a Libras é usada naturalmente e sua identidade é fortalecida pelo convívio com outras pessoas surdas ou ouvintes que saibam se comunicar pela língua de sinais.

Partindo dessa afirmativa, pode-se dizer que os surdos fazem parte de uma minoria sociolinguística e cultural que a cada dia conquistam mais espaços na sociedade. Sendo assim, faz-se importante analisar diferentes formas de comunicação as quais podem envolver a pessoa surda na diversidade comunicativa.

Entre tantas outras artes que podem tocar a sensibilidade humana está o cinema. Segundo Tom Gunning (1986), o cinema, em seus primórdios, configurava-se como um “cinema de atrações”, voltado ao entretenimento visual de massa, baseado no choque, na surpresa e na espetacularidade, antes de se consolidar como uma linguagem narrativa dominante. A primeira fase do cinema, que se estende aproximadamente até 1927, caracterizou-se pela ausência de som sincronizado, privilegiando a narrativa visual e elementos expressivos, como a comédia e a gestualidade.

Nesse contexto, por tratar-se de uma linguagem essencialmente visual, o “cinema mudo” possibilitava uma recepção mais equitativa entre pessoas surdas e ouvintes, uma vez que ambos os públicos acessavam o conteúdo por meio das imagens e da expressão corporal. O “cinema mudo” foi marcado pelo surgimento de grandes nomes da comédia, como Charlie Chaplin, que se destacou pelo domínio da expressividade corporal e pelo preciso timing cômico. Obras icônicas como Tempos Modernos e O General permanecem atuais, evidenciando como a linguagem visual, mesmo na ausência de som, pode comunicar-se de forma universal e significativa. Nesse viés, o “cinema mudo” demonstra o potencial expressivo da imagem e do gesto como elementos fundamentais da narrativa na sétima arte.

Nessa perspectiva, o PIBID, Educação Bilíngue de Surdos, atuante na EEM Governador Adata Bezerra, no município Juazeiro do Norte- Ceará, promoveu um “cinema surdo” para a comunidade escolar com o intuito de disseminar a cultura surda e sensibilizar o público participante no sentido de valorizar a intermediação comunicativa entre o sujeito surdo e o sujeito ouvinte. E neste texto, relatamos a experiência, que consideramos ter êxito pedagógico e político, enfatizando nos tópicos a seguir como fizemos, ou a metodologia adotada para gerar uma discussão rica de conhecimentos e desconstrução de mitos sobre a cultura;

Metodologia da ação

A metodologia adotada fundamenta-se na perspectiva da educação dialógica de Paulo Freire (1996), ao promover a participação ativa dos sujeitos e a construção coletiva do conhecimento por meio de dinâmicas interativas e reflexivas.

A aplicabilidade se deu durante o “Projeto Segundo Grau em Ação”, prática que se desenvolve há 15 anos na escola de Ensino Médio Adata Bezerra, conhecida na cidade como “Escola Segundo Grau”. Em uma das salas de aula, eu (supervisora do Pibid Educação Bilíngue de Surdos no Adata Bezerra) e a equipe de bolsistas pibidianos da Universidade Federal do Cariri- UFCA a qual supervisiono, organizamos uma sala de cinema: fizemos cortinas pretas e colocamos nas janelas para escurecer o espaço. Dividimos a sala de aula em dois ambientes. O primeiro lado foi composto por 10 cadeiras, um data-show para reproduzir o vídeo e uma pipoqueira. No outro lado, colocamos mais 10 cadeiras e sobre cada uma duas placas com as palavras MITO ou VERDADE.

A atividade foi desenvolvida ao longo de um dia inteiro, organizada em 12 sessões compostas para a exibição do documentário “Dois mundos¹” o qual aborda reflexões sobre a pessoa surda e a importância da Libras, articuladas a momentos interativos, com a dinâmica “Mito ou Verdade”, voltada à problematização de aspectos da cultura surda.

Após a exibição do vídeo, os bolsistas se revezaram para ler afirmações sobre a cultura surda e esperavam as pessoas que assistiram ao vídeo escolher entre as duas placas e levantá-la. Nesse momento, o bolsista dizia se era mito ou verdade e explicava o porquê. Era a partir dessa dinâmica que surgia a discussão sobre a cultura surda e desaguava em reflexões ricas em conhecimento e empatia.

Resultados e Discussões

Os resultados do trabalho desenvolvido na comunidade escolar evidenciam a relevância de práticas pedagógicas voltadas à promoção da inclusão e à valorização da diversidade linguística e cultural.

Figura 01: Exibição do Cinema Surdo e dinâmica Mito ou Verdade



Fonte: As Autoras, 2025.

¹ O documentário *Dois Mundos* retrata a vivência de pessoas surdas que transitam entre o universo do silêncio e o mundo sonoro. A obra apresenta, sob a perspectiva do sujeito surdo, os desafios de comunicação, inclusão e identidade enfrentados no cotidiano, evidenciando a importância da língua de sinais como elemento fundamental para a construção de sentido e pertencimento. Ao mesmo tempo, o filme revela as tensões e as possibilidades existentes nesse trânsito entre culturas distintas, convidando o espectador a refletir sobre preconceitos, acessibilidade e respeito à diversidade linguística e cultural.

Durante as sessões do “cinema surdo”, foram promovidas interações mediadas entre os participantes, favorecendo a construção de reflexões críticas acerca da educação bilíngue na sociedade. Ao todo, 125 pessoas participaram das atividades, as quais registraram presença e contribuíram ativamente nas discussões em grupo. A metodologia fundamenta-se na concepção de educação dialógica proposta por Freire (1987), ao valorizar a participação ativa dos sujeitos, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, compreende-se que o processo educativo não ocorre de forma isolada ou unilateral, mas se realiza na interação entre os indivíduos, que aprendem e se desenvolvem em comunhão.

Além disso, a proposta fundamenta-se na abordagem sociointeracionista de Lev Vygotsky (1998), segundo a qual a aprendizagem se configura como um processo essencialmente mediado pelas interações sociais. Nessa perspectiva teórica, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores tem origem no plano das relações sociais e, posteriormente, consolida-se no âmbito individual, por meio de processos de internalização. No campo da educação de surdos, a atividade fundamenta-se nas contribuições de Lodi (2013), que defendem a educação bilíngue como princípio estruturante do processo formativo. Nesse panorama, ressalta-se a centralidade da Língua Brasileira de Sinais como língua de instrução, condição indispensável para assegurar o pleno desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da pessoa surda.

Como forma de valorização do engajamento e da participação no projeto, os bolsistas receberam certificação correspondente a 10 horas, reconhecendo sua atuação como participantes ativos nas ações desenvolvidas.

É imprescindível destacar que a ação se revelou significativa, uma vez que possibilitou o envolvimento efetivo do público e o enriquecimento coletivo por meio do diálogo e da partilha de experiências.

Conclusão

Constata-se, então, que a proposta promoveu reflexões acerca da pessoa surda, da Língua Brasileira de Sinais e da importância da educação bilíngue no contexto educacional. Para tanto, adotou-se uma metodologia de caráter participativo, baseada na exibição de vídeo temático, dinâmicas interativas e momentos de diálogo coletivo, favorecendo a troca de saberes entre os participantes.

Observou-se o envolvimento significativo do público, que, por meio das interações e discussões em grupo, demonstrou maior sensibilização em relação às especificidades da comunidade surda. Tal abordagem encontra respaldo na perspectiva da educação dialógica de Freire (1996), ao valorizar o diálogo e a construção coletiva do conhecimento como caminhos para a conscientização crítica.

Ademais, é perceptível a importância de práticas alinhadas à educação bilíngue, conforme defendido por Lodi (2013), contribuindo para o fortalecimento de cultura escolar verdadeiramente inclusiva, pautada no respeito às diferenças e no reconhecimento da Libras como elemento fundamental no processo educativo de surdos e ouvintes.

Palavras-chave: educação bilíngue; Libras, empatia; reflexão, equidade.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUNNING, Tom. The cinema of attractions: early film, its spectator and the avant-garde. **Wide Angle**, v. 8, n. 3-4, p. 63–70, 1986.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a política educacional brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49–63, jan./mar. 2013.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.